



cinema

semanario cinematográfico

Ano 1.^o
N.º 33

Preço
1\$00

A
Companhia Cinematográfica
de Portugal

vai apresentar brevemente no Cinema

R I V O L I

a excelente película

A CONDESSA
DE MONTE-CRISTO

notável criação de

BRIGITTE HELM e RUDOLF FORSTER

Realização de KARL HARTL



Brevemente a

Companhia Cinematográfica de Portugal

**apresentará uma lista de grandiosas produções
a distribuir nesta temporada.**



Charlotte Susa, a linda actriz alemã que há pouco foi contratada pela "M-G-M", é a protagonista do filme "Sob uma falsa bandeira", com Gustav Froelich, realizado por Johannes Meyer. "Sob uma falsa bandeira" é um filme movimentado, de acção forte, que mantém preso o interesse do espectador, da primeira à última parte.

O Cantinho dum Cinéfilo

O público quer «estrelas». Em boas fitas, é claro. Porque, boas fitas, só boas fitas, *sem mais nada*, não satisfazem completamente à massa popular que constitui a percentagem quasi total dos espectadores pagantes, que sustentam os cinemas, que sustentam, afinam a Cinematografia.

Se a fita tem qualidades cinegráficas, se é uma jóia valiosa de produção fílmica, mas se lhe falta a decoração radiante que lhe imprime o brilho das «estrelas», é preciso que tal fita possua qualquer qualidade especial de inusitada atracção — e, geralmente, essa atracção toma aspectos de charlatanice — para que possa interessar à maioria do público. De contrário, se a fita apenas cultiva a imagem na defesa duma ideia, na exposição duma crítica ou duma *charge*, ou até na composição plástica duma história, se, repito, as imagens, pelo cérebro do autor-animador e pela objectiva do fotógrafo, são tornadas cinema e constituem o alcerce de toda a obra, o público, o grande público não corresponde, não pode corresponder devidamente à excelência desses trabalhos.



Um exemplo flagrante: — «Allô Paris, daqui Berlim!». Uma fita muito bem feita, com cinema — e do melhor — e, também, com certas passagens de molde a interessar todo o espectador, pela comercialidade das suas situações. Pois a despeito dessas qualidades, o público não deu ao filme o acolhimento que tam bela produção merecia. E' que ninguém conhecia Josette Day, nem Germaine Aussey, nem Wolfgang Klein... Outro exemplo, menos recente mas mais flagrante ainda: «A Tragédia da Mina», que os jornalistas cinematográficos portugueses consideram o melhor filme exibido em 1931/32, e que foi, na estreia em Lisboa e Porto, das mais fracas receitas da temporada.

Faltava, à excelência daqueles filmes, o *star-appeal*... O cinema-arte não carece de «estrelas», mas necessita-as o cinema-comércio. E o ideal será que os bons filmes conjuguem as duas modalidades — a parte artística aliada à parte comercial, como, felizmente, alguns vão sendo já apresentados. O espectador irá insensivelmente tomando amor pelas coisas da arte fílmica, sem se ver prejudicado nos seus gostos particulares, nas predilecções que o próprio cinema lhe despertou.

Porque, na verdade, o *star-appeal* tem sido uma das forças mais potentes para o desenvolvimento da cinematografia,

porque, muito mais que o teatro, pela diversidade do género de interpretações, pela frequência das aparições na tela, pela hábil publicidade feita à volta dos artistas, o cinema põe o espectador em permanente contacto com os seus ídolos. E quando o público *sente* que é um filme bem feito aquele em que aparecem os seus artistas preferidos, o êxito multiplica-se, o sucesso da película está assegurado.



Sem réclamo e a título de exemplo, vejamos o que acaba de suceder em Bruxelas, segundo o telegrama que adiante vai publicado, a respeito da estreia de «Mata-Hari» — o público afluíu extraordinariamente ao cinema «Cameo» e bateu todos os *records* de receitas, como o «Roxy» de Nova-York já havia batido o seu, com «Deliciosa», de Janet Gaynor, fazendo na primeira semana a receita de 133.000 dólares, ou seja, mais de quatro mil contos da nossa moeda.

Na América, onde Joan Crawford, Norma Shearer ou Clark Gable são queridos de todo o público, porque tem sido protagonistas de filmes que se tem imposto, pela qualidade da sua feitura, ao *fan* americano, os nomes daqueles artistas nas frontarias dos cinemas são a garantia da afluência do espectador. A estrela de filmes, como «Fascinação», «Uma Alma Livre», etc., exige longas bichas nas bilheteiras dos cinemas de Nova-York. E ainda ha dias, a estreia de «Strange Interlude», com Norma Shearer e Clark Gable, obrigou numeroso público a colocar-se à porta do «Astor», desde manhã alta, para apanharem um bom lugar ou para o venderem por bom preço...

O público quer «estrelas» — deem-lhe «estrelas»! Mas em filmes bem feitos, de modo que essa necessidade de lhe agradar, de fazer cinema comercial, não relegue para plano secundário o cinema como arte. Ambos se necessitam, ambos se completam. E o cinema de Rouben Mamoulian em «Ruas da Cidade», com Sylvia Sidney, que êle elevou à categoria de «estrela» com esta fita, como o de Fritz Lang em «Metropolis», com Brigitte Helm ou em «Espíões», com Gerda Maurus e Willy Fritsch, como o de Pabst em «Crise», com Brigitte Helm, como o de Von Sternberg em «Marrocos», com Marlene Dietrich, é tam bem recebido pelos cinéfilos estudiosos, como o cinema sem «estrelas», como «Sinfonia duma Capital», de Ruttman, como «A Linha Geral» e «Romanza Sentimental», de Eisenstein, como «A Tragédia da Mina», de Pabst.

A nova Clara Bow

Ha mais de um ano que Clara Bow abandonou o «écran» em virtude do seu estado de saúde.

Rex Bell, seu jovem esposo, propôs-lhe que se retirasse da cidade, a cuja vida agitada atribuía todos os seus males. Rex possui um magnífico «rancho» na Nevada. Podiam trasladar-se para ele, e ali, em plena natureza, onde tudo é puro e saudável, Clara restabelecer-se-lá rápida e completamente.

Estas razões convenceram a artista, e na semana seguinte o casal estabelecia-se na propriedade. Como a casa era velha e, portanto, de construção antiquada, mandaram-na destruir e construir no seu lugar outra que reunisse as devidas condições de comodidade.

A nova casa tem quatro quartos de dormir, um grande salão, iluminação eléctrica e tudo, enfim, o que torna confortáveis as casas da cidade. Não é sumptuosa, mas sim muito elegante. O matrimónio não procurou deslumbrar os seus amigos, preocupando-se apenas em viver bem. Próximo da habitação ha uma piscina em que Clara continúa a praticar o seu desporto favorito: a natação.

A fazenda foi baptizada com o nome dela. É muito extensa. Oitenta quilómetros de comprimento por quarenta de largura. Para se apreciar estas dimensões basta compara-las com as de Nova York, a qual mede cerca de três quilómetros de largura por quinze de comprimento.

É notável a transformação de Clara desde que começou a fazer vida de campo. Poucas semanas decorridas sobre a sua ida para o «rancho», recuperou o apetite e o sono. E como nunca deixou de fazer exercício, não engordou mais do que o necessário para que as suas formas esculturais adquirissem a devida firmeza, conservando toda a agilidade e toda a sua graça.

Agora sente-se feliz e está sempre contente.

O «rancho» e seu marido absorvem toda a sua atenção. Era frequente vê-la entre o gado, fazendo de vaqueiro e chamando cada animal pelo seu nome, pois, embora sejam muitos, conhece-os todos. E tam de-pressa montava a cavallo, como conduzia uma vagoneta, ou trabalhava na reparação das valas. A única coisa que não fazia era permanecer inactiva.

Convertiu-se numa perfeita dona de casa. Quando chegou ao «rancho», em companhia de seu esposo, não sabia cozinhar. Ultimamente preparava a comida tam bem como o cozinheiro, o qual pouco a pouco se foi convertendo no seu ajudante.

O marido procurava por todos os meios evitar-lhe os trabalhos de cozinha, mas não o conseguia. A hora de fazer o almoço ou o jantar, a encantadora Clarinha metia-se na cozinha e não havia nada que de lá a arrancasse.

No fundo, Rex Bell estava entusiasmado, porque Clara preparava uns «menús» deliciosos e já aprendera a fazer várias espécies de tortas e pastels exquisitos.

Outra habilidade de Clara, actualmente, é o manejo da espingarda. Os escassos moradores daquelas solidões, incluindo o «sheriff», admiravam-se da sua pericia no tiro ao alvo, pois a endiabrada rapariga nunca erra a cinquenta metros de distancia. Quando Rex Bell começou a apregoar esta habilidade de sua esposa, ninguém acreditava.

Mas um dia elle reuniu os incredulos na fazenda e pediu a Clara que fizesse uma demonstração. Ela acedeu de bom grado e assombrou os espectadores disparando várias vezes sobre o mesmo alvo sem falhar um tiro.

Clara Bow estava tam entusiasmada com o seu «rancho» e com a sua nova vida, que, quando um amigo lhe disse: — Qual seria a sua impressão se esta propriedade, por artes mágicas, se

pelo «rancho» é haver-se oposto a que seu marido o vendesse, a-pesar das ofertas vantajosíssimas que lhe fizeram.

Tudo parece provar que Clara Bow não voltará a estabelecer-se definitivamente em Hollywood. Mas isto não quiere dizer que deixe de trabalhar no cinema, ao qual regressou ha pouco.

O temperamento artístico da nossa Clarinha não pôde calar-se facilmente. Poucos meses após a sua ida para o «rancho», e a-pesar do carinho que por este professa, começou a sentir a nostalgia dos seus êxitos, e a idéa de trabalhar de novo ante a câmara não mais se separou dela um momento.

Clara tem hoje um contrato firmado que a obriga a trabalhar em cinco filmes, o primeiro dos quais, «Call her Savage», está quasi concluido, como já noticiamos.

O caso passou-se assim. Clara foi um dia à cidade fazer compras, e o acaso fez que se encontrasse com um dos directores da «Fox», seu admirador e amigo. Começaram a falar de assuntos cinematográficos e, quando se separaram, a genial vedeta tinha assinado um contrato que assegurava a sua reaparição no «écran», facto que esperamos com vivo interesse, não só porque estamos desejosos de a ver, mas também porque a sua actuação em películas do Oeste constitui uma prometedora novidade.

O tema da primeira produção apaixonou-a de tal modo que Clara assegura que procurou e procura superar todas as suas anteriores criações.

Clara Bow quiere aproveitar a sua permanencia em Hollywood para recordar a vida passada. Diverte-se o mais que pôde nos intervalos do trabalho: banha-se em Malibu Beach, vai a todos os teatros, dança no Coconut Grove, vai às compras, faz excursões com os companheiros, etc.

Mas, ao mesmo tempo, pensa regressar ao seu querido «rancho» logo que termine «Call her Savage», para dedicar todo o produto do seu trabalho a obras de amplificação e reparação. E quando tiver de trabalhar de novo, dará outra fugida a Hollywood — assim continuará a actuar no cinema, sem deixar de viver no seu «rancho».

O marido fez ha pouco uma declaração sensacional.

— Minha mulher, — disse com orgulho —, é uma boa poetiza, mas tem o hábito de rasgar os versos logo depois de os escrever. A-pesar disso, tenho conseguido salvar alguns, que conservo religiosamente. Também escreveu a sua biografia. Guardo a intacta e espero poder um dia publica-la por minha conta. Vários editores teem-lhe feito vantajosas ofertas, mas ella opõe-se. Não tem querido fazer um negócio do que representa um tesouro de intimidade.

Aqui tens, leitor, a nova Clara. Escritora, poeta, cozinheira, atradora, «cow boy», boa dona de casa, esposa carinhosa... mas sempre a genial Clarinha que nos habituamos a admirar e apreciar.



Clara Bow está a ser reclamada por todos os cinéfilos americanos E os dos outros países, idem, idem. Ela voltou agora ao cinema, depois de recusar muitas ofertas vantajosas, depois de rejeitar inúmeros argumentos. Aceitou a proposta da «Fox», aceitou o argumento de «Call Her Savage», que veremos ainda esta temporada com o titulo «Sangue Vermelho», e com Gilbert Roland como primeiro actor. Não te demores, ó Clarinha!

mudasse de repente para Beverly Hill? —

Clara respondeu: — Parece-me que perderia para mim todo o encanto.

E não mentia falando assim. O que melhor demonstra o carinho que tem

Para auxílio do exibidor

A fim de facilitar ao exibidor da provincia a consulta das referências aos filmes que vão sendo estreados, "Cinema" publicará no primeiro número de cada mês e por ordem alfabética, os nomes dos filmes estreados no mês anterior, bem como das palavras sobre cada filme e a indicação do número onde podem encontrar a crítica e referências mais desenvolvidas.

ALLÔ, ALLÔ, PARIS... DAQUI BERLIM! — Um belo filme, sob tódos os pontos de vista. Bom cinema para o cinéfilo de verdade, situações interessantes para o público em geral. Não tem estrélas, mas uma interpretação homogénea de Josette Day, Germaine Aussey, Wolfgang Klein e Karl Stepanek. Umá fita recomendável. N.º 30.

ANNY KIKI! — Um filme de Anny Ondra é sempre engraçado. Esta é uma fita que entretém tódo o público, pelas situações cómicas do argumento, que o talento da protagonista realça grandemente. Falada em francês. N.º 33.

BELA AVENTURA, (A): — Um bom desempenho de Kate de Nagy, que tódo o espectador aprecia, numa fita cheia de *finesse*, graciosa, tratada com subtilidade. Quem souber bem francês encontrará apreciável sabor no espirituoso diálogo. Um pouco teatral na realização. Lucien Baroux, a despeito do seu exagêro cómico, fará rir e interessará o público. N.º 29.

CONGORILLA: — Seria um primoroso filme sobre a Africa, se não viesse depois de «A Voz d'África» e «Trader Horn». A-pesar disso, vê-se com certo prazer, porque apresenta quadros novos, como o de certos pormenores da vida dos pigmeus e a atuação dos gorilas. Explicada em português, com sotaque brasileiro. N.º 33.

ESTUDANTE MENDIGO: — Bonitas vozes, das quais se abusa, prejudicando grandemente o valor do filme. Desempenho sem grande relêvo, mas harmonioso. Um filme-opereta com tódo o aspecto de peça teatral filmada. Cantado e falado em alemão. N.º 31.

EXPRESSO DE SHANGAI, (O): — Magnífica realização de Josef von Sternberg. Uma fita com bom cinema, de enredo atraente, que se acompanha interessadamente. primoroso desempenho de Marlene Dietrich coadjuvada por Clive Brook, e um grupo de grandes artistas. Falado em inglês, com legendas sobrepostas em português. Recomendável. N.º 32.

GLÓRIA: — Uma história que não é desinteressante, em que Brigitte Helm faz a protagonista, como grande actriz, embora sem mostrar tanto quanto vale. Fracas as cenas de aviação. Esta fita não entusiasma, mas vê-se. Falada em francês. N.º 31.

MEU ULTIMO AMOR, (O): — José Mojica, idolo duma grande parte do público, uma fita de enredo bastante romântico, em que delícia com a sua magnífica voz, o espectador que aprecia os filmes com canções. E as dêste filme

são bem bonitas! Bom desempenho de Ana Maria Custodio e Andres de Seguro. Fita sem qualidade de bom cinema, mas capaz de satisfazer à maioria do público. Falada e cantada em espanhol. N.º 32.

MULHER DUMA NOITE, (A): — O simples nome de Francesca Bertini não consegue valorizar esta fita, que é uma fraca produção francesa. N.º 30.

PAT E PATAÇON, MUSICOS AMBULANTES: — A primeira fita falada dos dois populares cómicos dinamarqueses. Situações convencionais, como é vulgar em filmes do género, mas com boa graça, que satisfazem a plateia. Falada em alemão. N.º 30.

PROEZAS DE SKIPPY: — um filme interpretado por crianças, mas para ser compreendido por adultos. Muito bem feito, muito bem dirigido, muito bem interpretado. Não será um grande êxito comercial, mas é uma fita que o público em geral, mesmo o que não aprecie a valor do filme, verá sem se aborrecer. O pequeno Jackie Cooper numa formidável interpretação. Falado em inglês, com legendas sobrepostas em português. N.º 33.

QUANDO TE SUICIDAS?: — Argumento disparatado, acção pouco desenvolvida, muito conversado interpretação banal, este filme, falado em francês, terá poucos apreciadores. N.º 32.

QUICK, O PALHAÇO: — Lilian

Harvey, Lilian Harvey. A popular actriz, num bom desempenho, e o jovem actor Pierre Brasseur, são o grande valor desta fita. Jules Berry, que é um bom artista, não convence como galã de Lilian Harvey. Armand Bernard tem o costumado papel cómico, desta vez com bastante sobriedade. Falado em francês. N.º 32.

REI DA PANDEGA, (O): — George Milton tem grandes simpatias no nosso público. É um cómico de certo apreço e nesta fita, sobretudo nas últimas bobinas, põe em destaque as suas qualidades. Um argumento cheio de inverosimilhanças, mas com momentos engraçados, escrito de propósito para a interpretação do popular Bouboule. Falada e cantada em francês. N.º 31.

RICARDITO, LOBO DO MAR: — Uma boa fita para os apreciadores do género aventuras. História de certo modo disparatada, mas em que o público admirador do género, nem sequer repara. Falada em inglês. Fita recomendável para os cinemas de character popular. N.º 29.

TITANS DO CEU: — Uma super-produção de verdade. Formidáveis cenas de aviação, dentro dum argumento cenarizado por mão hábil. Notável interpretação de Wallace Beery, com Clark Gable num bom papel. Falado em francês. Um filme que entusiasma. Muito recomendável. N.º 32.



A linda Charlotte Susa e Gustav Froelich em "Sob uma falsa bandeira", um emocionante filme de espionagem realizado por Johannes Meyer, o famoso director de "Asfalto".



Dois cenas de 'Um Sonho Dourado', com Lilian Harvey, Henry Garat e Pierre Brasseur.

DOIDO POR LOIRAS: — Folgo por ver que regressa com boas disposições. Mas deixe-me dizer-lhe que não acredito na influência do seu olhar, a que chama 100% Mojica. Além disso, a sua Pepe deixa que Você gaste o magnetismo donjoanesco da sua figura, pelas plateias e balcões dos cinemas? Então quantas são?...

Olhe, depois diga-me o que pensa da Martha Eggerth em «Era uma vez uma valsa...», e da Charlotte Susa em «Sob uma falsa bandeira». Aposto em como você fica germanófilo de tódo!

ADMIRADORA DE JOSÉ MOJICA: — Queira ler a resposta a «Três Futuras Estrélas». E de futuro, tenha a bondade de escrever cá para o «Eu sei Tudo», rua do Bomjardim, 436-3.º.

PRIMA DO SONOROFILÍSSIMO: — Ora viva! Eu nem queria acreditar que você voltasse a escrever-me, há tanto tempo sem notícias suas! As minhas férias foram maravilhosas, não há dúvida, mas já vejo que as suas não foram melhores. Dias e dias fechada numa casa de campo, por causa da chuva, e ainda para mais, à tricoter. Você sabe fazer disso? Olhe, priminha, tricote-me umas joelheiras de lá, agora para o inverno! É que eu tenho tanto frio nas rótulas...

Onde está a Garbo? Na data em que escrevo, em Estocolmo. Mas não tardará em voltar para a América, onde a chama um excelente contrato, já firmado, com a M.G.M. Então ainda não foi ao cinema, esta época? Isso é pecado mortal. Porque não pede à Mamã da Prima do Sonorofilíssimo para a levar?

O que é feito da Louise Brooks? O mesmo que foi feito da Corinne Griffith, da Laura La Plant, da Patsy Ruth Miller e de muitas outras, que o tempo atira para o esquecimento. Agora passará a falar-se da Karen Morley, da Dorothy Jordan, da Ana Custódio, etc., sem esquecer as que ainda estão e estarão na berlinda, como as «nossas» Janet Gaynor, Lilian Harvey, Greta Garbo, Joan Crawford, etc.

ALBERTO BARRADAS: — Sobre o atrazo da remessa da revista aí para

Correspondência

Luanda, não tenho culpa nenhuma. São coisas da Administração. Fez muito bem a «Ilustração Colonial» em iniciar os cinéfilos de Angola a subscreverem para a «Tobis Portuguesa». Você com quantas ações subscreveu? Está enganado no que se refere à «Tragédia da Mina». Esta fita não obteve êxito comercial em Portugal, mas também não foi grande o êxito no estrangeiro. Sucesso artístico, sim. Foi completo. Sim senhor, Jean Murat entrou em «A Fonte dos Amores». Mas, então, continua a não haver cinema sonoro em Luanda? Então que faz essa gente daí? Onde estão os homens de coragem? E, c'os diabos, hoje já podem conseguir um bom aparelho sonoro por menos duma centena de contos!

E até à próxima ó Barradinhas! E lembre-se de que as suas cartas a que estou respondendo, são de meados de Julho! *péssanga!*

LUISITA: — Já há muito que não vejo Evelyn Brent, nem posso saber quando aparecerá um filme sonoro da protagonista de «Vidas Tenebrosas»! Joan Bennett aparecerá esta época em duas fitas, pelo menos: «Eu queria um milionário» com Spencer Tracy, e «Esposas de Médicos», com Warner Baxter.

E, como diz, um amorzinho, mas o director ainda mal reparou nela, senão já de há muito que tínhamos Bennet... tezinha para aqui, Bennet... tezinha para acolá!... Gostei mais dela em «Chantagem» que em «A Fera do Mar».

SANTOS LOPES: — O autor dos desenhos animados do Rato Mickey é Walt Disney. Escreva-lhe para «Walt Disney Studios», 2719 Hyperion Avenue, Hollywood, Canifornia (U. S. A.).

JOSÉ MASTRO: — Pede-me a morada do sr. Henry Ford? Palavra de honra que já ouvi falar neste nome! Um sujeito muito rico, que tem muito dinheiro e uma porção de fábricas de automóveis? Não sei quem é. Se não é cinéfilo, não é comigo.

UM MANIACO: — Cautelinha,

muita cautelinha! A's vezes, a brincar... 1.ª — Parece-me bem que vai perder o tempo. Eles teem lá argumentos aos milheiros e não ligam importância aos que lhes enviam sem ser pedidos. E, sobretudo, de autores que não são conhecidos! Se quer teimar, escreva-o à máquina, e em inglês, é claro. 2.ª — Dirija o para Mr. Albert Lewis, Scenario Editor, «Fox Film Corporation», 1401 N. Western Avenue, Hollywood, Calif. Ou para Miss Betty Roberts, Scenario Editor, «RKO Studios», 780 Gower Street, Hollywood, Calif.

Creio, porém, que você vai ficar à espera da sua resposta, como certos fulanos estão esperando o D. Sebastião...

Porque, lembre-se, se o seu argumento tivesse algum interesse, eles davam-lhe lá umas facadinhas, e faziam a fitinha sem lhe dar cavaco. Se o meu amigo fôsse autor conhecido, e se o argumento fôsse o de qualquer obra sua publicada, que tivesse tido grande êxito, ainda havia uma probabilidade. Assim...

UMA ESTRELA... JA' FEITA! — Se calhar chama-se mesmo Estréla — Maria Estréla. Ou é outra piada às «duas futuras...»

1.ª — De Mojica, do «seu» Mojica, diz o Director que ainda não recebeu postais, mas que está à espera deles. Dos outros artistas que indica, há de de tódos. 2.ª — 1850 cada.

PREGUNTÃO: — Harry Liedtke e Feliz Bressar faziam, na versão alemã de «O Cruzeiro do Amor», os papeis que na versão francesa eram interpretados por André Roanne e Armand Bernard. Lilian Harvey era a Grady's em ambas as versões.

IMPERTINENTE: — Vou dar-lhe as cinco direcções que pede, por excepção, pois já sabe os limites cá da secção. É creia que não recebi nenhuma carta sua anterior. Henry Garat, 64, rue Nollet, Paris (17me.). Charles Farrell, Janet Gaynor e José Mojica, «Fox» Studios, 1401 N. Western Avenue, Hollywood, Calif., U. S. A. Lilian Harvey, Universum Film Aktiengesellschaft, Berlin SW 19, Krausenstrasse 38/39, Alemanha. Não demore a escre-

Dentro e Fora dos Estudios

Raquel Torres foi contratada pela «Columbia», para a primeira figura feminina de «That's Africa» («Isto é Africa»), com os cómicos Bert Wheeler e Robert Woolsey.

Monte Blue, que há já tanto tempo não aparece entre nós, está interpretando «The Intruder», a segunda duma série de quatro fitas que terá de fazer para a «Allied Pictures». Lila Lee e Gwen Lee são as primeiras figuras femininas.

Charles Chase, o cómico de Hal Roach que temos visto em várias fitas curtas da «M-G-M», vai dirigir a próxima comédia de Zasu Pitts e Thelma Todd, para Hal Roach.

«Um Sonho Dourado», a super-produção Erich Pommer para a «Ufa», com Lillian Harvey, tem obtido o maior sucesso na Alemanha. Em Berlim, Colonia, Danzig, Munich, Breslau, etc., o filme tem batido todos os records. Até ao dia 28 de

ver à Lilianzinha, porque ela deve partir para a América em fins deste mês.

E, quem é amiguinho?

EU SEI TUDO.

Outubro, a «Ufa» já tinha em circulação 100 cópias de «Um Sonho Dourado», das quais 34 só em Berlim.

Geza von Bolvary e Robert Soltz contratados pela «M-G-M»

Geza von Bolvary, o realizador de «A Valsa dos Corações» («Zwei Herzen im 3/4 Takt»), que tanto éxito obteve em Nova-York, e «O Tenente do Amor», e Robert Stolz, o autor da musica daqueles filmes-operetas, acabam de ser contratados por um ano, pela «M-G-M», devendo começar a trabalhar em Culver City em principios de Fevereiro.

Vai ser tirado um fonofilme, na Alemanha, do romance de Vautel, «Minha mulher não quer filhos» com Liane Haid, que veremos esta época em «O Principe da Arcadia».

René Hervil está escolhendo a distribuição do seu novo filme «Mannequins»,

para a casa francesa «Jacques Haik». «Mannequins», opereta de Falk e Bousquet, terá como primeira intérprete a actriz de teatro Edmée Favard, que se estreia no cinema com aquela fita.

«Um Sonho Dourado», em Londres

Na próxima terça-feira, 8 de Novembro, será apresentada em Londres, no Prince Edward Theatre, a versão inglesa de «Um Sonho Dourado», que se exhibirá com o título «Happy Ever After». Esta versão inglesa inclui, além de Lillian Harvey, os artistas ingleses Jack Hulbert, Cicely Courtneidge e Sonnie Hale, e é a primeira da combinação feita há tempos entre a «Ufa» e a «Gaumont British», e que a nossa revista noticiou oportunamente.

Parece que Erich Pommer irá assistir à estreia de «Um Sonho Dourado» em Londres.

Pierre Brasseur, o excelente actor francês que veremos brevemente em «Um Sonho Dourado», ao lado de Lillian Harvey e Henry Garat, está agora interpretando para Roland Pinès, nos estúdios da «Tobis», a fita «Une faim de loup», uma comédia de Georges Dolley.

AOS LEITORES

OS NOSSOS BONUS

Por motivo de força maior, a Ex.^{ma} Empresa do «Batalha» retirou os «bous» nos espectáculos nocturnos aos sabados, passando a da-los na PRIMEIRA MATINÉE AOS DOMINGOS. Os leitores de «Cinema» teem, pois, o desconto de 50 % nos seguintes espectáculos:

TRINDADE

Matinéas às quintas e sabados

BATALHA

Matinéas às quintas, sabados e domingos
(aos domingos só na primeira matinée)

OLYMPIA

Matinéas às quintas e sabados



John Barrymore e Karen Morley numa cena de «Arsene Lupin», um filme do «Ano Metro», falado em francês, que brevemente será estreado em Portugal.



Clark Gable, que vimos há pouco em "Titans do Céu", e que não desagradou ao nosso público, vai ter a sua consagração em "Fascinação". Aqui o vemos ao lado de Joan Crawford, numa cena daquela película.

George Randolph Chester escreveu uma série de contos sobre as aventuras um tal Wallingford, a quem não faltavam idéas brilhantes para enriquecer de pressa.

Mas Wallingford nunca pensou em dirigir-se a Hollywood, ocupado, como andava sempre em procurar ser mais fino e mais habil do que as demais pessoas com quem lidava. Em Hollywood, os rapazes e as raparigas limitam-se a procurar ter uma coisa para conseguirem di-

Trajectórias de "Estrelas"

Do anonimato à glória, da miséria à riqueza

nheiro. Essa coisa chama-se «sex-appeal» ou «atração de bilheteira». Que a natureza tenha ou não tenha sido generosa para com eles é o que menos lhes importa, desde que o público os aceite.

Anos atrás — mas não muitos — Joan Blondell encontrou-se com vinte centavos no bolso e sem emprego. Vivia então em New York, e, para não morrer de fome, teve de procurar trabalho numa biblioteca ambulante, obtendo assim o mesquinho soldo de quinze dólares semanais.

Três semanas depois, teve uma discussão com o dono da biblioteca, que lhe disse, furioso:

— Alto lá! Mals naturalidade e menos pretensões! Joan abandonou o emprego, mas seguiu o conselho que lhe haviam dado e hoje ganha mil dólares semanais, precisamente por ter naturalidade.

James Cagney, seu companheiro, estava ainda em piores condições. Ganhava honradamente a vida, fazendo embrulhos nos grandes armazéns Wanamaker, pelo não muito generoso soldo de catorze dólares por semana. Mas as suas penas acabaram e hoje já não precisa de pensar, ao deitar-se, onde ha-de ir buscar o dinheiro necessário para pagar o leite que ha-de beber pela manhã. Hollywood solucionou-lhe o problema.

E Joan Crawford, que é dona e senhora de uma formosíssima propriedade que todos os anos mobila de diferente estilo, viu-se em tempos forçada a servir à mesa na escola onde estudava, pagando com o seu trabalho as despesas do pensionato.

O próprio Douglas Junior, seu marido, a-pesar de pertencer a poderosa casa dos Fairbanks, nem sempre dormiu sobre uma almofada de penas. Quando seu pai e sua mãe se divorciaram, Douglas Fairbanks entregou a sua esposa uma forte soma para que cuidasse conscienciosamente do filho, que por disposição do juiz ficou sob a tutela de sua mãe. Mas, em virtude dos maus conselhos e de negócios de bolsa desastrosos, a importância ficou reduzida a nada.

Douglas filho viu-se forçado a trabalhar numa quitanda de refrescos. H je ganha o bastante para se trasladar de sua casa ao estúdio num sumptuoso dez cilindros, tem um secretário, criado de quarto e uma conta corrente invejável.

Se ha duas «estrelas» no «écran» que parece terem nascido na mais alta sociedade, serem oriundas da mais pura nobreza, essas mulheres são Norma Shearer e Hedda Hoper. No entanto, vejamos: Norma, antes de ter adquirido reputação no cinema, ganhava a vida deixando-se fotografar para anuncios de pasta dentifrica, de sabões, perfumes e, sobretudo, de roupas interiores, na sua maior parte feitas de rendas. O modo de vida, mormente neste último caso, não era muito honroso. Mas como precisava de comer e de sustentar sua mãe e sua irmã, Norma a tudo se sujeitava, embora com repugnancia. Não cremos que naqueles tempos lhe ocorresse que chegaria um dia a ser uma das «estrelas» mais bem pagas e mais famosas do mundo.

Leila Hyams teve os mesmos princípios. Também precisou de se deixar fotografar para anuncios de pasta dentifrica, sabões e perfumes, e uma ou outra vez serviu de modelo para capas de revistas.

Voltando a Hedda Hoper, podemos assegurar que houve uma época durante a qual lhe era completamente impossível dar-se o luxo de usar um casaco de peles de 50.000 dólares, como o que trazia no dia em que se estrearam «Strange Interlude» e «Grande Hotel». Ganhava apenas o bastante para comprar um bilhete de terceira, para se trasladar de uma terra para outra com uma companhia que nunca permanecia mais do que dois dias em cada localidade. Mas essa experiencia serviu para a transformar numa das mulheres mais populares do «écran».

E quem vir William Haines passeando alegremente pelo Hollywood Boulevard, de braço dado com uma beladade, ou acompanhado de umas poucas no seu fantástico Rolls-Royce, não imagine que foi sempre assim. Houve uma ocasião em que aceitou com alegria o mesquinho soldo de dois dólares diários e dormiu numa granja sobre sacos de palha pouco limpa, tendo dois pratos de sopa e dois pedaços de pão como alimento.

Provavelmente já tem ouvido dizer que Alice White fez esgotar as lotações de todos os teatros de variedades em que actua, com um salário não inferior a 3.000 dólares semanais, e que antes de dedicar-se às variedades recebia dois mil da «First National», onde trabalhava na qualidade de «estrela». Mas talvez não saibam que antes disso, a vida não era uma senda de rosas para ela. Ganhava vinte dólares por semana como dactiló-

grafa, e nem sempre estava colocada, porque as esposas dos seus chefes em-birravam com a sua demasiada «atração física». Hollywood, porém, remediou o inconveniente.

Todos sabemos que Charles Bickford tem um estabelecimento de roupas interiores para senhoras, dois barcos de pesca, duas bombas de gasolina e duas oficinas de reparações de carros, um restaurante e duas ou três pequenas lojas de refrescos. Mas pouca gente sabe que se viu na necessidade de ganhar o pão de cada dia como condutor dos eléctricos. E muito satisfeito ficou por conseguir tal emprego, pois do contrário teria morrido de fome. Hollywood converteu o subitamente num homem universalmente conhecido e financeiramente independente. E' quasi certo que em nenhum outro lugar do planeta Bickford teria feito a fortuna que hoje tem em tam pouco tempo, nem teria adquirido a fama de que justamente goza, pois é inegável que é um dos melhores actores com que conta o cinema sonoro.

Dorothy Jordan foi corista em várias revistas e aceitou um papel secundário numa comédia musical de que era «estrela» Una Mumon. Chegou a Hollywood com o fim de prestar-se a provas para a «Fox», e hoje é uma das jovens artistas mais solicitadas do mundo cinematográfico. A «Metro» paga-lhe mil dólares semanais e empresta-a com frequencia a outras firmas, contribuindo assim para aumentar a sua popularidade.

Betty Compson é hoje a feliz proprietária de duas casas, consideradas como sendo as mais sumptuosas de Hollywood. Vive numa delas e aluga a outra por um preço respeitável. Os seus automóveis despertam grande inveja na cinedlandia. Além disso a sua fortuna — Betty é muitas vezes millionária — é uma das mais importantes de toda a Califórnia. Mas, vendo-a viver entre tanto esplendor, tanto luxo e tanto dispendio, quem julgará que ha anos, ao perder o humilde emprego de violinista de um quarteto, se viu forçada a cuidar de uma senhora inválida, exercendo junto dela o generoso e paciente officio de enfermeira? Ninguém! E não duvidamos de que estava longe de lhe aflorar o cérebro, nesse tempo, a idéa de vir a ser uma mulher universalmente famosa e várias vezes millionária. Hollywood tudo fez, de tudo se encarregou.

Quando se casou, Regis Toomey foi para Londres a esposa. Não foi em viagem de nupcias. As circunstancias desesperadas em que se encontrava não lhe permitiam esse luxo. Sua esposa tinha um contrato teatral a cumprir, emquanto que ele nada tinha que fazer. Demasiado orgulhoso para aceitar dinheiro da esposa, mesmo que fosse a título de empres-

timo, não tardou em esgotar as suas modestas economias. Quando apenas lhe restavam uns míseros centavos, quis a sorte que encontrasse um papel insignificante numa obra ridícula que servia de pretextio a um grupo de cómicos rebentados para andarem de terra em terra. O seu soldo era tam reduzido, que não lhe era possível «mealhar um centavo». Não obstante, Regis não é extravagante. Quando a pouco brilhante «tournée» chegou ao fim, encontrou-se de novo perante o angustioso problema de ocorrer à sua própria subsistencia. Não suspeitava então de que, pouco depois, se encontraria em Hollywood com os invejáveis vencimentos de novecentos dólares semanais e com uma casa, não luxuosa, mas confortável e bonita.

Quando chegou a Hollywood, Greta Garbo só era conhecida por «a sueca que trouxe Stiller». Não tinha dinheiro, nem amizades, nem tampouco beleza física. Dizia-se inclusivamente que os duzentos e cincoenta dólares semanais que ganhava era Stiller que os pagava do seu bolso, a-fim-de conseguir que sua protegida fosse contratada. Mas as coisas modificaram-se, Greta Garbo tem hoje 500.000 dólares empregados em papéis do governo, fóra outros haveres que ninguém conhece mas que se suspeita sejam elevados.

Outro exemplo frisante é o de Neil Hamilton. Em tempos que já lá vão, o conhecido artista atravessava descalço as ruas de Massachusetts. Seu pai era demasiado pobre para poder trazer-lo calçado. Quem lhe diria então que um pouco mais tarde havia de ganhar cem dólares para pôr para anuncios de colarinhos, gravatas e trajos de homem, e que mais tarde ainda havia de receber, todas as semanas, um simpático cheque de mil e quinhentos dólares para trabalhar em conjunto com as mulheres mais famosas e be-

Lilian Harvey, Henri Garat e Pierre Brasseur, em várias cenas de "Um Sonho Dourado", produção Erich Pommer para a "Ufa", cantada e falada em francês, que tanto éxito está obtendo em França, e que veremos brevemente em Portugal.



"Pam plinhas nas

Mi lio ná rio"

*Mise en scène de
Jules White e Z.
Myers.

Produção «M-G-M»



PRINCIPAIS INTERPRETES

Harmon.....	Buster Keaton
Margie.....	Anita Page
Pogge.....	Cliff Edwards
Butch.....	Frank Roman
Clipper.....	Norman Philipps

ARGUMENTO

A pesar das notícias que nos chegam da América não serem das melhores, ainda se encontram lá milionários, e Harmon era um deles. Possuía vários prédios nos arrabaldes de New-York, pré-

dios êsses habitados, na sua maioría, por gente pobre, composta de operários e de modestos empregados.

Estas casas constituíam verdadeiras colmeias, porque os pobres não olham ao número dos filhos. Nos corredores chocavam-se verdadeiros bandos de garotos.

Os dias de pagamento de alugueis eram os piores para os pobres inquilinos, e o secretário de Harmon não gostava de se arriscar entre êles nesses dias memoráveis. Não obstante, tinha de cumprir o seu dever.

Um dia, quando procedia à cobrança, foi, como de costume, muito mal recebido.

Voltou ao palácio do milionário, e Harmon, furioso com as queixas do seu emissário, resolveu ir êle próprio meter na ordem os irreverentes locatários. Em má hora tomou, porém, tal deliberação. Vendo-o, os inquilinos redobram de cólera. Se na presença do secretário se dominavam um pouco, atendendo a que êste agia por conta de outrem não sucedia a mesma coisa tratando-se do próprio Harmon. Era preciso fazer pagar o atrevimento ao «deshumano» senhorio. E Clipper, chefiando o bando dos amotinados, entregou-se a uma manifestação ruidosamente hostil a Harmon, que teve de bater em retirada, exactamente como sucedera ao secretário. Mas, não obstante a balbúrdia do desastroso acolhimento que lhe havia sido feito, Harmon não deixou de notar, entre os combatentes, uma deliciosa rapariga, que era precisamente a irmã de Clipper. E notara o calor com que ela procurava dominar a cólera do irmão, exclamando:

— Procedeis como selvagens. E' vergonhoso o que fazels.

Mas o irmão respondera brutalmente.

— Cala-te! Queres tomar a defesa do senhorio?

— Porque não? E' um homem como os outros.

Harmon não devia esquecer esta cena, que tam grata lhe fôra ao coração, nem tampouco as linhas esculpturais de Margie, e resolveu mostrar à gentil rapariga o seu reconhecimento. Dias depois, voltou a visitar o nefasto local, mas, desta vez, com o intuito de voltar a ver Margie e dizer-lhe quanto o havia impressionado a sua generosidade. Aproveitaria mesmo o momento para elevar um hino à sua beleza e confessar-lhe o interesse que a sua deliciosa pessoa lhe despertara. Harmon, que não era precisamente um homem elegante, fez esforços muito louváveis para formular a sua declaração. Não se saíu absolutamente mal e podia esperar, com razão, um acolhimento favorável. Ficou portanto desagradavelmente surpreendido quando viu Margie rir-se lhe

las do mundo? Não obstante, ha mais de cinco anos que o tal cheque semanal vem engrossar a sua conta corrente no banco.

E Ruth Chatterton! Ha dots ou três anos apenas, a mulher a quem hoje chamam «a primeira figura do cinema sonoro», encontrou-se subitamente em Hollywood sem nenhum contrato cinematográfico, separada de seu esposo e com menos de dois dólares no bolso. Vejamos, porém, o que Hollywood fez em seu favor! Não só a elevou à categoria a que aludimos, como lhe concedeu o divórcio de seu esposo, dando-lhe em troca um outro por quem está loucamente enamorada. E toda esta felicidade é completada com sete mil e quinhentos dólares semanais.

Quem poderia prever tam espantosa sorte, tam estupenda mudança em menos de dois anos?! Milagres da cinelandia! Mas não esqueçamos a «primeira re-

putação masculina» da actualidade em Hollywood. Clark Gable, pois é dele que queremos falar, chegou ao império do cinema, pela primeira vez, ha cinco anos. Não tinha recursos de espécie alguma. A própria alimentação constituía para êle um problema. Ah, se nesse tempo lhe predissessem o futuro, Clark teria rido na cara do vidente. Entretanto hoje é «um cavalheiro» a quem nada falta, um «gentleman» que pôde satisfazer todos os seus caprichos, mesmo os mais dispendiosos.

Vem agora a loira Anita Page. Sonhava com a «felicidade máxima» de ser desenhadora em Hollywood. Mas com o tempo ganhou novas aspirações... E o leitor sabe que as viu satisfeitas. Hoje é conhecida e querida em todo o mundo... e se não é ainda financeiramente independente, não tardará muito que o seja. Marlon Davies era corista do Follies quando foi para Hollywood, e hoje é a

mulher que possui a mais rica colecção de pérolas de toda a América! A sua fortuna não é inferior a quatro ou cinco milhões, e as suas casas, autos e negócios dão-lhe enormes rendimentos, que possivelmente não poderá gastar nos anos que lhe restam de existência.

Já vamos fechar este artigo quando reparamos em que tínhamos olvidado Richard Arlen. Eis outro exemplo marcante. Richard, o homem que viaja confortavelmente no seu regio iate, em todos os momentos que o trabalho lhe deixa livres, já passou pelos terrenos petrolíferos do Texas em busca de qualquer emprego humilde... e talvez se recorde ainda das vezes que se deitou com o estômago vazio.

Mas não te entusiasmes, leitor. Nem todos triunfam. A par destas existências brilhantes, destas corridas vertiginosas para a glória, ha inumeros seres que vegetam, que se estiolam no anonimato.

na carr. Não, ela não se sentia disposta a desposar um millionário; preferia continuar a viver com todos os seus camaradas de pobreza, muito mais alegres e divertidos do que o poderoso Harmon. Uma outra razão influiu no espirito de Margie. O receio da critica dos seus amigos, que não deixariam de a verberar por ter aceitado as propostas do ricoço, do odiado senhorio.

— Se eu fizesse alguma coisa pelos seus camaradas, julga que seria melhor sucedido?

— Tente, — redarguiu Margie, — mas não respondo pelo resultado.

— Em todo o caso, suponho que me não é hostil, — exclamou Harmon com os olhos fixos nos da jovem.

— Não, — afirmou ela —. Não lhe sou hostil.

Esta simples resposta bastou para que Harmon julgasse chegado o momento de fazer uma experiencia: tratar com carinho o bando de energumenos. Nessa louvavel intenção, mandou-os reunir.

— Para vos demonstrar, — disse, — que não sou o ser sem entranhas que julgais, decidi oferecer-vos um gymnásio, onde podereis dedicar-vos a cultura física.

E sustentou a sua palavra. Alguns dias depois, inaugurava, no bairro operário, um grande gymnásio provido de salas de gymnástica, douches; em uma palavra, todo o conforto moderno. O bando de selvagens deu largas aos seus instintos devastadores, e, pouco depois, o gymnásio estava transformado num campo de batalha onde tudo se encontrava em ruínas. Era pagar mal os esforços de Harmon, que nas primeiras impressões julgou sufficiente a experiencia; mas os belos olhos de Margie mereciam novos e maiores sacrificios, e o proprietário resolveu ir mais além na senda da generosidade. Já que os miseráveis queriam a todo o custo bater-se, melhor seria proporcionar-lhes combates de boxe. A sua proposta foi aceita com entusiasmo, e Harmon julgou que tinha encontrado o bom caminho. Organizou imediatamente um combate no qual tomava parte. Mas como queria sair vencedor, custasse o que custasse, porque Margie devia estar presente, subornou o seu adversário. Para alguma coisa devia servir o dinheiro.

Chegada, porém, a hora do combate, o adversário, que já havia embolsado o dinheiro, esqueceu as suas promessas, e Harmon foi posto knock out após uma serie de rijos socos. Margie voltava a cabeça para não ver, e o millionário perguntava a si mesmo se ela procedia assim por amor ou por desprezo. Fosse como fosse, a situação não era nada agradável para elle. Mas sentia que devia continuar, se não quisesse perder Margie; tinha já a seu lado Clipper, o irmão da rapariga, o que não era para desprezar. Harmon, muito fértil em projectos das mais variadas espécies, teve ainda outra idéa. Pensou que o melhor para divertir toda aquela gente seria faze-la assistir a um drama histórico, no qual

elle, Harmon, interpretaria o papel de rainha. Esta extraordinária palhaçada devia, infallivelmente, obter um estupendo successo entre o bando. Mas Harmon não podia prever que o seu drama, que interpretado por elle devia ser cómico, estava a ponto de se transformar numa tragédia. De facto, um «gangster» chamado Butch, que o perseguia havia meses e jurara a sua perda, tivera uma singular entrevista com Clipper. Começara a conversa introduzindo nas mãos do arrua-ceiro um punhado de dólares, e Clipper, que não desprezava o dinheiro, aceitou. Butch compreendeu que Clipper seria, de futuro, um instrumento precioso nas suas mãos, e fez-lhe a seguinte pergunta;

— No decorrer da peça desse idiota de Harmon, has-de disparar uns poucos de tiros com um revólver carregado de pólvora secca, não é verdade?

— Sim, — disse Clipper, — e depois?

— Que dirias tu se te aconselhasse a substituir alguns desses cartuchos por autenticas balas?

— Veremos isso, — redarguiu Clipper sem se comprometer.

Pegou nos cartuchos, mas faltou-lhe a coragem de se servir deles. Não primava por ser escrupuloso, mas daí a transformar-se num assassino a uma certa distancia. Vendo-o fraquejar, Butch teve um mau sorriso.

— Bem, ficará por minha conta, — exclamou.

Depois da representação, Harmon entrou em sua casa pouco satisfeito, pois não se apercebia de ter feito quaisquer progressos no coração da rapariga. Momentos passados, um grave acontecimento sobreveio. Butch e a sua quadrilha apresentaram-se em casa do millionário, animados de sinistras intenções. Harmon

sentiu que se encontrava numa situação difficil, e teria certamente succumbido ante o número dos inimigos, se, de repente, Clipper não apparecesse com o seu bando e com a adorável Margie. A luta foi séria, mas o grupo defensor, enraivecido, conseguiu dominar os «gangsters», que tiveram de bater em retirada. Harmon dominou Butch, demonstrando assim a sua valentia. E quando Margie lhe saltou ao pescoço, cheia de amor, elle julgou util, para conquistar definitivamente a felicidade, mostrar-se um pouco brutal.

O entusiasmo por «Mata-Hari» em Bruxelas

A «M-G-M» recebeu da sua filial de Bruxelas o seguinte telegrama, referente à estrela de «Mata-Hari» no «Cameo», em 18 de Outubro:

«Bruxelas, 25 — Inacreditável mas verdadeiro. Primeira semana «Mata-Hari» no «Cameo» bate todos os *records* desde a fundação do cinema, até mesmo «Trader Horn». Entusiasmo inconcebível. A-pesar da lei que proíbe «bichas», o público esmaga-se em torno da bilheteira, impaciente por vêr a película. Um esquadrão de policia necessário para manter a ordem. Receita 210.500.»



Pelos nossos Cinemas

PROEZAS DE SKIPPY (Skippy): — Quasi a mēdo, fúgidamente, sem réclamo, passou pelo Pórtio esta excelente película. Pode alegar-se que o grande público não simpatiza com filmes feitos por crianças e que éstes estariam melhor nas *matinées* infantis especiais. Absolutamente de acórdio para filmes como «Peter Pan» ou «Tom Sawyer». Mas não para «Proezas de Skippy», que é um estudo de psicologia infantil, que é uma lição para muitos pais, lição que às crianças não interessa nem sequer compreenderiam.

Esta fita é para adultos, sobretudo para os que têm filhos, porque podem colher das suas eloqüentes imagens proveitoso ensinamento. Sobretudo na segunda metade, «Proezas de Skippy», que está realizado por mão firme e cérebro hábil, emocioná-nos, o seu ritmo cresce, avoluma-se, acelera gradualmente, e prende-nos, como só os bons filmes o conseguem.

U realização de Norma Taurog não se evidencia em manifestações de técnica mecânica, mas sim na habilidade com que dirigiu os pequenos intérpretes, na segurança com que lhes aproveitou os grandes dotes artísticos e no recorte sentimental que soube dar às figuras de Skippy e Sooky.

Jackie Cooper, que entre nós se apresenta pela primeira vez, é uma revelação, e merece bem o réclamo que a América lhe tem feito. É um grande artista, de expressões decisivas, absolutamente de harmonia com a sua primorosa dição, que o espectador ouve com prazer e que entusiasma o que bem compreende o diálogo. Outro apreciável actorzinho é o pequeno Robert Coogan. Segue as pisadas do irmão, e dá-nos momentos de grande valor interpretativo, que só um talento precce pode conseguir.

Foi uma pena que pouco público desse pela passagem de «Proezas de Skippy»!

Autor: Percy Crosby. Cenaristas: Joseph Mankiewicz e Norman MacLeod. Fotógrafo: Karl Struss. Realizador: Norman Taurog. Intérpretes: Skippy, Jackie Cooper; Sooky, Robert Coogan; Eloise, Mitzl Green; Sidney, Jackie Searl; Pai de Skippy, Willard Robertson; Mãe de Skippy, Enid Bennett; Harley Nubbins, Donald Haines; Seu pai, Jack Clifford; Mãe de Sooky, Helen Jerome Eddy.

Produzida em 1931 pela «Paramount». Programa Paramount Films S. A. Estreada no «Olimpia» em 26 Outubro 1932.

CONGORILLA (Congorilla): — Depois de «A Voz d'África» e «Trader Horn», «Congorilla» aparece seriamente prejudicado no seu valor, pela semelhança, pela quasi igualdade de muitos dos seus



quadros e os de outros daqueles dois primeiros filmes.

Os exploradores Martin Johnson e esposa, a quem já devemos o filme silencioso «No Coração da África Selvagem», deram-nos agora uma fita do mesmo

género, mas desta vez sonora e com essa colaboração — uma grande parte dos sons, pelo menos — obtida nos próprios locais de tomada de vistas.

As primeiras bobinas, porém, dão nos uma sucessão de imagens que não logram entusiasmar porque, a despeito da sua beleza e da dificuldade e ousadia na sua filmagem, já são rrossas conhecidas por se assemelharem às de algumas das fitas mencionadas. As últimas partes ganham interesse, porque são, por assim dizer, constituídas por quadros inéditos, como, por exemplo, os de certas particularidades da vida dos pigmeus, quadros a que não falta a nota cómica — e a dos dois negros que procuram acender os charutos tem imensa graça.

Depois, quasi nas últimas centenas de metros, entram em acção os gorilas. Vê-se com interesse as peripécias em que aparecem os poderosos animais, mas lamenta-se que a sua acção — o que mais poderia diferenciar este filme dos outros da mesma espécie — seja muito restrita, que nem chega para justificar o título da película.

«Congorilla» seria um primoroso e interessante documentário sobre a África, antes de «Trader Horn» e «A Voz d'África». Agora, é mais um filme do género, com várias cenas que constituem novidade e que se veem com agrado.

Fotógrafos: Richard Maedler e Martin Johnson. Director de som: Lewis Tapan.

Produzida em 1932/33 por MARTIN JOHNSON E ESPOSA (FOX). Programa Companhia Cinematográfica de Portugal (Secção «Fox»). Estreada no «Aguia d'Ouro» em 31 de Outubro de 1932.

ANNI KIKI (Kiki): — A peça de André Picard parece mesmo talhada para a interpretação de Anny Ondra. A figura de Kiki, traçada nos moldes mais característicos da heroína do vodevilhe a fugir para a comédia burlesca, adapta-se perfeitamente à personalidade da popular estrela checoslovaca. Saltitante, graciosa, trsbordando de alegria, apenas um tudonada escorregando no exagêro, Anny Ondra atravessa toda a fita com o à-vontade que lhe dão as suas grandes qualidades de fantasista e mantém o público num permanente sorriso, por vezes em riso esfusante.

Karl Lamac, conhecedor a fundo dos predicados artísticos de Anny Ondra, realizou um filme em que aproveitou ao máximo todas as possibilidades daquela actriz. Não fez, é certo, uma «Mam'zelle Nitouche», mas deu-nos uma comédia engraçada, com momentos de boa originalidade e até com bocados de bom cinema, sobretudo na maneira saliente e apreciável como suprime certos dispensáveis pormenores das ligações das seqüências, encadeando-as com grande visão cinemática.

Com Anny Ondra na protagonista, os

As seis melhores fitas de Outubro

ALLÔ, ALLÔ, PARIS... DAQUI BERLIM!
EXPRESSO DE SHANGAI, (O).
NO TEMPO DA COLONIZAÇÃO (desenho animado de Walt Disney).
PROEZAS DE SKIPPY.
TITANS DO CEU.
BELA-AVENTURA (A).

As seis melhores interpretações

CLIVE BROOK em «O Expresso de Shangai».
JACKIE COOPER em «Proezas de Skippy».
KATÉ DE NAGY em «A Bela Aventura».
LILIAN HARVEY em «Quick, o Palhaço».
MARLENE DIETRICH em «O Expresso de Shangai».
WALLACE BEERY em «Titans do Ceu».

A Lilianzinha está prestes a dizer adeus à Europa. Mas antes de ir, vê-la-emos em "Um Sonho Dourado", que está entusiasmando Paris, como já entusiasmou toda a Alemanha. Os nomes de Erich Pommer, como director de produção, de Paul Martin, como realizador, de Werner R. Heymann, como autor musical, de Henry Garat e Pierre Brasseur como principais interpretes, aliados ao de Lilian Harvey, fazem prevêr, na verdade, um grande êxito à recente produção da "Ufa", que todos estamos ansiosos por vêr.



outros intérpretes, que cumprem, não têm ocasião de se salientar. Uma excepção poderá ser aberta para Jean Gobet, que também faz rir a platéia com certas atitudes que podem pertencer a um bom especialista cómico, mas que não me convenceram, por emquanto.

Autor: André Picard. Cenarista: Hans H. Zerlett. Decorador: Heinz Fenchel. Fotógrafo: Otto Heller. Autores musicais: Rolf Marbot e



Bert Reisfeld. Director de som: Dr. Neumann. Intérpretes: Kiki, Anny Ondra; Raymond Leroy, Pierre Richard Wilim; Blanche Pigalle, Daniele Brégis; Napoleão, Jean Gobet; Barão, Jean Dax

Produzida em 1932 pela «Vandor-Film» («Ondra-Lamac»). Programa Agência Cinematográfica H. da Costa, Ltda. Estreada no «São João» em 31 Outubro 1932.

* * *

Parece-me que também já fui um dos que escreveram que os desenhos animados acabariam por aborrecer, se os seus autores não engendrassem idelas novas, se não fossem buscar novas inspirações...

O pequeno filme «No tempo da Colonização», que o «São João» está exibindo, agradou a todo o público, interessou-o sobremaneira, porque Walt Disney,

o consagrado autor de tantos bons desenhos animados, lhe deu aspectos inusitados, *trouvailles* curiosas de grande beleza, a dizerem-nos que os «Ratos Mickey», os «Bimbos», os «Coelhos Oswald», os «Gato Felix», etc., afinal, não acabarão, porque os seus autores não adormecerão sobre os louros conquistados e sabem muito bem como interessar o público.

«No tempo da Colonização», uma excelente paródia a «A Pista dos Gigantes» e outros filmes de *covered wagons* já nossos conhecidos, é um dos melhores desenhos animados da série «Rato Mickey», de que Walt Disney é o grande animador, e não quero, por isso, e contra o meu costume, deixar de mencioná-lo como um magnífico e recomendável filme de complemento.

■

ERA UMA VEZ UMA VALSA (Es War Einmal Ein Walzer): — Viktor Janson, de quem vimos ainda há pouco «O Estudante Mendigo», deu-nos agora uma fita mais harmoniosa, mais leve, um pouco mais cinematográfica, se bem que as qualidades de cinema não possam ser muito amplas nestes filmes-operetas com músicas especiais de compositores celebrizados...

Se, porém, as características do trabalho essencialmente cinegráfico são diminutas em «Era uma vez uma valsa», esta fita possui elementos de agrado popular que, se não satisfazem ao cinéfilo de verdade, interessam ao espectador despreocupado que vai ao cinema passar a noite — argumento habilidosamente desenvolvido, com situações curiosas e engraçadíssimas, música bonita, com canções que se ouvem com agrado, sobretudo porque são apresentadas com oportunidade (a valsa «Es war ein mal ein Walzer» é de grande inspiração) e uma interpretação muito igual, muito perfeita.

Martha Eggerth, que nos aparece pela primeira vez, mostra possuir com amplitude as qualidades que a tornaram uma das mais queridas actrizes na Alemanha; representando muito bem, dizendo com intenção, possuindo uma excelente voz, vê esses méritos exaltados por uma juventude e beleza que a tornam uma actriz que apeete ver com frequência. Rolf von Goth, que também não me lembro de ter visto em qualquer outro filme, é um galã aproveitável, de boa figura, que o seu papel nesta fita apresenta como actor de certos recursos. A primeira figura masculina é, porém, roubada por Ernst Verebes, que confirma as qualidades de galã cómico que, menos acentuadamente embora, nos tem apresentado em filmes anteriores. Albert Paul'g, Paul Hoerbiger, já bem nossos conhecidos, e a graciosa Lizzi Natzler, completam o excelente grupo dos principais intérpretes.

Como pormenor curioso, a apresentação de alguns exteriores pelo processo *dunning*, que vi pela primeira vez, ou,



pelo menos, em que pela primeira vez reparei.

«Era uma vez uma valsa» é um fita que não tem preocupações cinéfilas nem é um filme de grande envergadura comercial. Mas vê-se com satisfação e faz passar setenta e cinco minutos agradáveis.

Autor: Billie Wilder. Fotógrafo: Heinrich Gaertner. Decorador: Jack Rotmil. Autor Musical: Franz Lehár. Director de som: Hans Grimm. Realizador: Viktor Janson. Intérpretes: Rudi Moebius, Rolf von Goth; Steffi Pirzinger, Martha Eggert; Lucie Weidling, Lizzy Natzler; Gustl Linzer, Ernst Verebes; Franz Pirzinger, Paul Hoerbiger; O Sr. Pfennig, Albert Paulig; A Senhora Weidling, Ida Wuest.

Produzida em 1931 pela «Aafa». Programa Companhia Cinematográfica de Portugal. Estreada no «Trindade» em 1 de Novembro de 1932.

ALBERTO ARMANDO PEREIRA



Jesse Lasky, que há pouco deixou a «Paramount», da qual era Vice-Presidente há muitos anos, vai produzir independente 8 fitas as quais serão distribuídas pela «Fox».

Sam Katz também sai da «Paramount»

Depois de Sidney R. Kent e de Jesse Lasky, é agora o vice-presidente Sam Katz quem abandona a «Paramount», parece que por divergências com a política adoptada pelo financeiro John Hertz.

Sam Katz, desde que Adolphe Zukor estava praticamente afastado do comando da «Paramount», à qual vinha apenas emprestando o seu nome, tinha um grande domínio sobre a direcção da produção, cuja actividade dividia com a direcção dos negocios do Circuito Publix, um dos que mais cinemas possui na América.

Os «executivos» da «Paramount» teem tido importantes conferências em Nova-York, parecendo que Adolph Zukor voltará a ter a sua antiga posição dominante a dentro daquela firma, continuando John Herz à frente da parte financeira.

Também correm rumores de que John D. Clark, desde há muito tempo gerente da secção de vendas do Oeste, deixará a «Paramount» para ingressar na «Fox».

Na capa: — Buster Keaton (Pamplinas), principal intérprete de «Pamplinas Milionário».

Redactores:
João Santos
e Sousa Martins

Redacção e Administração:
Rua do Bomjardim, 436-3.º
PORTO

CINEMA

SEMANARIO CINEMATOGRAFICO

Director e Proprietário: ALBERTO ARMANDO PEREIRA

— Este numero foi visado pela comissão de censura —

ASSINATURAS
Continente e Ilhas:
Trimestre, 12\$00, Sem.
24\$00, Ano, 46\$00 —
Ultramar: Trimestre,
14\$50, Sem. 29\$00,
Ano 56\$00.

Administrador e Editor:
Eugénio Peres

Comp. e imp. nas oficinas
da Empresa AQUILA
Rua Duque Saldanha, 312
PORTO

Nesta semana fazem anos:

5 a 11 de Novembro

- Novembro 5 — Joel MacCrea (27).
5 — Theodore Von Elte.
6 — June Marlowe.
7 — Alice Day (27).
7 — Mona Maris.
8 — Marie Prevost (34).
9 — Marie Dressler (61).
9 — John Miljan.
11 — Raquel Torres (24).

Morre Edouard Mathé

Faleceu há dias em Bruxelas o ex-actor francês Ed. Mathé, que vimos há anos em vários filmes da «Gaumont», entre eles as fitas em séries «Judex», «A Nova Missão de Judex», «Barrabás», «Pariset», etc. Edouard Mathé, que esteve em Lisboa em 1921, dirigia actualmente o cinema Galeries Saint-Hubert, de Bruxelas.

Um grande banquete nos estúdios da «M-G-M»

No dia 3 de Outubro, a «M-G-M» ofereceu nos seus estúdios de Culver City um banquete às esposas dos delegados à convenção da Associação dos Banqueiros Americanos. John Miljan, que fez de mestre de cerimónia, apresentou às convidadas, cerca de 300, os artistas Marie Dressler, John e Lionel Barrymore, Clark Gable, Robert Montgomery, Jackie Cooper e outros artistas da «M-G-M».

BATALHA

(SALÃO HIGH-LIFE)

TELEFONE 1407

CINEMA SONORO

Terça-feira, 8 de Novembro — SENSACIONAL ESTREIA

AVENTURAS DE BUFFALO BILL

o primeiro fonofilmado em séries, com TOM TYLLER, LUCILLE BROWN, FRANCIS FORD (Conde Hugo) e WILLIAM DESMOND

A-pesar-de se tratar de um filme em episódios, «Aventuras de Buffalo Bill» é exibido completo numa sessão.

PREÇOS POPULARES

Matinéas às Quintas, Sabados e Domingos

Incontestavelmente o melhor receptor é

MENDE

Sonora—Radio

Rua 31 de Janeiro, 190—PORTO

N.º 33

As senhas de cada número são válidas para os espectáculos nelas indicados. Esta senha de bonus não dá direito a que os portadores entrem acompanhados de crianças.

No «Cine-Odeon» esta senha somente é válida para os lugares de Fauteuil, Balcão e Camarote.

Senha de Bonus aos compradores do «CINEMA»

Os portadores desta senha terão o desconto de 50 % nos seguintes espectáculos:

- TRINDADE — Matinéas de Quinta-feira e Sabado, 10 e 12 de Nov.
OLYMPIA — Matinéas de Quinta-feira e Sabado, 10 e 12 de Nov.
BATALHA — Matinéas de Quinta, Sabado e Domingo (1.ª), 10, 12 e 13.
CINE-ODEON — Soirée de Sábado, 12 de Novembro.

IMPORTANTE. — As entradas com bonus no «Salão da Trindade» tem os seguintes limites: Plateia, 250; 2.º Balcão, 100; Camarotes, 20. Esgotadas estas lotações, o portador desta senha nada tem a reclamar.

Castelo Lopes, L.^{da}

*a firma detentora dos melhores
filmes europeus e americanos,*

**apresenta mais alguns grandes
filmes da sua primeira selecção:**

O Rei do Beijo

por GEORGE MILTON (Bouboule)

Casamento de Amor

com LIEN DEYERS

Um Homem de Negócios

com DOUGLAS FAIRBANKS e BEBE DANIELS

Em Nome da Lei

com MARCELLE CHANTAL

O Filho da América

com ANNABELA e ALBERT PRÉJEAN

**Isto é uma pequena parte do que vai
apresentar esta temporada a firma**

CASTELO LOPES, L.^{DA}